

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA (IFILO)

RAISSA GONÇALVES GALVÃO

O sujeito na crítica foucaultiana à educação na obra “Vigiar e Punir”

Uberlândia
2025

RAISSA GONÇALVES GALVÃO

O sujeito na crítica foucaultiana à educação na obra “Vigiar e Punir”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Filosofia (IFILO) da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel, especialista em

Área de concentração: Filosofia

Orientador: Fillipa Carneiro Silveira

Uberlândia

2025

RAISSA GONÇALVES GALVÃO

O sujeito na crítica foucaultiana à educação na obra “Vigiar e Punir”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Filosofia (IFILO) da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel, especialista em

Área de concentração: Filosofia

Uberlândia, dezembro de 2025

Banca Examinadora:

Fillipa Carneiro Silveira – Doutora (IFILO)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Humberto Aparecido de Oliveira Guido - Doutor (IFILO)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Rafael Batista Lopes de Oliveira – Mestre (IFILO)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

RAISSA GONÇALVES GALVÃO

O sujeito na crítica foucaultiana à educação na obra “Vigiar e Punir”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Filosofia (IFILO) da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel, especialista em

Área de concentração: Filosofia

Uberlândia, dezembro de 2025

Banca Examinadora:

Fillipa Carneiro Silveira – Doutora (IFILO)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Humberto Aparecido de Oliveira Guido - Doutor (IFILO)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Rafael Batista Lopes de Oliveira – Mestre (IFILO)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Dedico este trabalho aos meus pais, Liliana e
Geraldo, minha irmã Ana Luiza, e meu
namorado Murilo, pelo estímulo, carinho e
compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida orientadora, Fillipa Carneiro Silveira, pelo incentivo, motivação e orientação nesta caminhada acadêmica.

À banca avaliadora Rafael Batista e Professor Humberto Guido.

À minha família que sempre me apoiou a estudar, e Murilo por me ajudar em todos esses anos como um companheiro e amigo nesses momentos difíceis da graduação.

Aos colegas pelas colaborações e auxílios durante esses quatro anos, em especial para Islane Viana, Ryan Pablo, Bruno Santos Queiroz e Agatha Danelon.

RESUMO

Este trabalho visa analisar os argumentos do autor Michel Foucault em relação à sua crítica a ideia de educação trazendo como ponto central o sujeito a partir do livro *Vigiar e Punir*. Levando em consideração uma sociedade pós iluminismo e pós-revolução industrial, o sujeito, já antes visto como o centro de tudo no século XVIII continua a ser de tudo na sociedade. Porém na visão de Foucault, esse sujeito pode ser visualizado como um ponto passivo de várias camadas de discursos e práticas, chamados de pelo autor de “dispositivo”. Considerando essas práticas que discursos que envolvem o sujeito, como regras, ideologias, políticas, que criam as relações entre o saber e o poder. Essas relações de saber e poder possuem essa codependência entre si, causam esse assujeitamento no sujeito em diversos campos de saberes. A educação como um saber, assim como as prisões, os hospitais e o exército, após a revolução industrial passou a ter esse modelo disciplinar de controle, no qual o sujeito é moldado para produção, e que neste trabalho será analisado essa crítica foucaultiana em comparação com pedagogias ideais escritas no século XVIII, como a de Immanuel Kant, como uma forma de encaixe do sujeito como assujeitado e como “naturalmente aí”, como presente nas filosofias iluministas.

Palavras-chave: poder; sujeito; educação; assujeitamento.

ABSTRACT

This paper aims to analyze Michel Foucault's arguments regarding his critique of the idea of education, focusing on the subject as presented in his book *Discipline and Punish*. Considering a post-Enlightenment and post-Industrial Revolution society, the subject, already seen as the center of everything in the 18th century, continues to be central to society. However, in Foucault's view, this subject can be seen as a passive point within various layers of discourses and practices, which the author calls "apparatus." These practices and discourses involving the subject, such as rules, ideologies, and policies, create relationships between knowledge and power. These relationships of knowledge and power are interdependent, causing the subject's subjugation in various fields of knowledge. Education as a form of knowledge, like prisons, hospitals, and the army, after the industrial revolution adopted this disciplinary model of control, in which the subject is molded for production. This work will analyze this Foucauldian critique in comparison with ideal pedagogies written in the 18th century, such as those of Immanuel Kant, as a way of fitting the subject as subjugated and as "naturally there," as present in Enlightenment philosophies.

Keywords: power; subject; education; subjection.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: QUEM É O O SUJEITO?.....	15
CAPÍTULO II: A CRÍTICA DO SUJEITO PEDAGÓGICO.....	27
2.1 KANT: A EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM SUJEITO EM UMA EDUCAÇÃO VISTA COMO IDEAL.....	27
2.2 O SUJEITO EM FOUCAULT E O PODER (OU O CORPO DO SUJEITO)	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

A crítica feita por Michel Foucault em 1975 trouxe vários pontos importantes a pensar a respeito da educação. Feita de uma forma a se refletir essa educação de maneira política, como se tornou uma automatização de um sujeito disciplinado. Existe um caminho percorrido até a crítica foucaultiana fundada no texto *Vigiar e Punir*, de 1975, que percorre o caminho do sujeito em paralelo com o desenvolvimento da sociedade ao capitalismo e a revolução industrial. O sujeito em Foucault que é visto como um produto, trabalhado através de uma política de produtividade, anteriormente era imerso em pedagogias vistas de forma idealista, e que tomaram um caminho contrário.

A educação é uma prática que existe desde antes dos gregos antigos, e que com o passar dos tempos, a educação se modificou, e vários tratados e ideias de como essa devia funcionar na sociedade surgiram. A modernidade, iniciada com Erasmo e a civilidade pueril, e com o iluminismo especificamente, trouxe esses tratados de educação, como *Emilio, ou da Educação* de Jean Jacques Rousseau (1767), e *Sobre a Pedagogia*, um apostilado das aulas da disciplina de Immanuel Kant (1903), que o aluno Theodor Rink compactou.

A idade moderna nos trouxe diversos avanços na ciência e auxiliou na institucionalização de diversos saberes, como a pedagogia, com seu início com Jean Jacques Rousseau, mas que obteve sua instauração formalizada verdadeiramente no século XIX. Os progressos construídos durante a modernidade com a contribuição dos iluministas conduziram as sociedades através de seus valores e de princípios muito comuns em seus pensamentos, como a conceituação de liberdade. Essa liberdade iluminista, para apontar a importância de um desenvolvimento infantil a partir de que exista essa livre evolução do bebê em seu crescimento natural, ou em Kant descrevendo a importância de que a razão se desenvolva a partir de que exista um livre exercício do pensamento do sujeito sem que pensem por você; esses são argumentos que indicam que essa liberdade é um ponto central dessa filosofia iluminista voltada para a educação.

Essa liberdade presente no pensamento dessa filosofia do século XVIII, contrasta com a realidade social no contexto do capitalismo industrial, das fábricas e da classe burguesa, envolvendo novas demandas e novos saberes, como a pedagogia, a psiquiatria e criminologia. Com o capitalismo operando intensamente em toda a sociedade, uma base muito importante deste sistema tomou protagonismo: a disciplina.

A disciplina já citada na pedagogia Kantiana, que possui uma relação com a liberdade no desenvolvimento do pupilo. Era uma educação voltada de forma individual, uma relação de tutor e tutorado, e com o desenvolvimento do capitalismo, com o surgir de novas instituições, a educação também teve suas modificações.

As escolas passaram a trabalhar a disciplina e o controle sobre o corpo como um ponto central, pois os dispositivos disciplinares, ou seja, as práticas discursivas e não-discursivas que envolvem a disciplina e a educação, passaram a se fazer mais presentes, o que traz à tona as relações de poder.

Michel Foucault aborda em seu livro *Vigiar e Punir* como o poder se instaurou na sociedade, através de seus dispositivos disciplinares, formando essas relações de poder, atravessadas com o campo de saberes como a pedagogia. Esse atravessamento entre relações de saber e poder operam por meio deste controle dentro da educação, que envolvem o sujeito no interior de diversas instituições, como exércitos e prisões. A crítica foucaultiana se faz por esse caminho, de uma padronização de intuições de poder, com uma mecânica semelhante.

A ideia de instituições com mecanismos semelhantes que produzem resultados distintos em campos heterogêneos, como de educação e de criminologia. É importante entender que o envolve todo esse caminho é o sujeito, ele é aquele que Kant buscava na questão sobre o esclarecimento, aquele que precisava da liberdade, aquele que usava a razão. Mas esse mesmo sujeito acabou-se por subordinado a uma disciplina servil, as propostas feitas por Kant e Rousseau, mesmo que distintas, traziam esse foco na liberdade e na emancipação do sujeito, com as mudanças históricas ocorridas com a revolução burguesa, demonstrou a sociedade em um caminho contrário desse proposto na filosofia da educação moderna, considerando as teorias desses dois autores como teorias que desconsideram vários aspectos políticos e sociais, que envolvem o sujeito, e que em Foucault, são trazidos à tona.

Mas como que um sujeito que devia ser educado para a emancipação se tornou um sujeito disciplinar? Quando tudo isso surgiu? Surgiu na modernidade, a educação que deveria visar o desenvolvimento, tornou-se o controle, e todas essas instituições, práticas e discursos que o rodeiam:

Ora, as relações entre crescimento das capacidades e crescimento da autonomia não são tão simples para que o século XVIII pudesse acreditar nelas. Pode-se ver que formas de relações de poder eram veiculadas pelas diversas tecnologias (quer se tratasse de produções com finalidades econômicas, de instituições visando a regulações sociais, de técnicas de

comunicação): como exemplo, as disciplinas simultaneamente coletivas e individuais, os procedimentos de normalização exercidos em nome do poder do Estado, as exigências da sociedade ou de faixas da população. A aposta é então: como desvincular o crescimento das capacidades e a intensificação das relações de poder? (Foucault, 2000, p. 349)

A crítica de Foucault perceptível em “*O que são as luzes?*” é uma crítica que analisa o texto de Kant como uma ontologia do presente e que não descarta critérios cruciais da filosofia foucaultiana. A dúvida deixada por Foucault acima é de como desvincular o crescimento das capacidades com a intensificação das relações de poder. Essa relação das capacidades e das relações de poder é uma intersecção bem importante para entender a sujeição, considerando que o objeto que envolve o poder e o esclarecimento, a liberdade, é o sujeito.

Considerando tudo isso, este trabalho contém dois capítulos, o primeiro que tratará do sujeito moderno e os problemas que o envolvem, a partir da crítica de Foucault no texto “O que são as luzes?” e com uma análise do comentador Alfredo Veiga-Neto abordando todas as camadas que envolvem o sujeito para Foucault, em contraposição a dos referidos clássicos modernos. Enquanto, no segundo capítulo, será analisada problema da constituição desse sujeito apontado anteriormente, envolvido nas relações de poder desde o sujeito descrito em na Pedagogia de Kant, que possui como objetivo desenvolver sua maioridade e obter seu uso da razão, em contraste ao sujeito docilizado e envolto de disciplina, que é narrado por Foucault.

1- Quem é o sujeito

Faz bastante sentido pensar as obras de Foucault tendo como foco a sujeição; o homem sujeito na sociedade, na cultura e sob a ação do poder. O filósofo francês escreveu um texto em 1984 denominado “*O que são as luzes?*”, no qual ele trabalha uma crítica em relação ao texto “*Resposta à pergunta o que é o esclarecimento?*” de Kant (1784). É levantada, então, uma questão bastante importante para tratar o texto de Kant e que, de certa forma, é a principal questão foucaultiana: o sujeito. Kant está expondo sua resposta para a pergunta proposta pela revista da forma que ele acredita que funcione o esclarecimento: através do uso da razão. O personagem principal do texto de Kant, é o mesmo deste texto, o sujeito, e através desse levantamento, é possível trazer o autor Alfredo Veiga-Neto, um comentador de Michel Foucault que em seu livro *Foucault e a Educação*, disserta sobre o sujeito moderno, e o sujeito levantado nos textos foucaultianos:

Dentre as metanarrativas iluministas a que Foucault deu as costas, talvez a mais importante e que mais interessa para a Educação seja aquela que, numa boa aproximação, pode ser sintetizada na seguinte expressão: o sujeito desde sempre aí. Em vez de aceitar que o sujeito é algo sempre dado, como uma entidade que preexiste ao mundo social, Foucault dedicou-se ao longo de sua obra a averiguar não apenas como se constituiu essa noção de sujeito que é própria da Modernidade, como, também, de que maneiras nós mesmos nos constituímos como sujeitos modernos, isso é, de que maneiras cada um de nós se toma essa entidade a que chamamos de sujeito moderno. (Veiga-Neto, 2003, p. 107)

Considerando o que está citado acima, o que é trazido por Veiga-Neto, para colaborar com a concepção do pensamento de Foucault em uma crítica da educação, o que está por trás de toda essa filosofia é a sujeição, e o sujeito moderno é o objeto principal a se detalhar neste texto. Porém como dito por Veiga-Neto, Foucault dá as costas às narrativas iluministas e investiga os aspectos que constituem o sujeito, o que segundo o comentador, o sujeito moderno tratado nos textos iluministas está como um “sujeito sempre aí”. Os aspectos de sujeição que são narrados por Foucault, não está postos em consideração na narrativa iluminista que Kant e outros modernos escrevem. Foucault discute o sujeito a partir da sua condição de assujeitamento ao poder, o que envolve as dimensões sociais, econômicas e políticas. O que difere de Kant, que trata o sujeito de forma universal-abstrata, dentro da perspectiva de uma análise do assujeitamento feita entre Foucault e Kant como Veiga-Neto destaca. O esclarecimento é um processo individual de cada homem, mas é um fenômeno universal que deve afetar cada

homem, diferentemente de Foucault, que pensa esse esclarecimento analisando todos esses aspectos que afetam o sujeito. O esclarecimento não pode ser concebido para a humanidade apenas com um simples processo, e nem como uma obrigação prescrita, um remédio para cada ser humano e, para Foucault, esse esclarecimento aparece agora como um problema político.

O texto de Kant, se trata de uma publicação feita para uma revista, que naquele período, costumava deixar perguntas para que seus leitores enviassem uma resposta. Nela, o autor desenvolveu sua resposta sobre o que, em sua visão, seria o esclarecimento. Com essa reflexão inicia-se o texto:

ESCLARECIMENTO [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [<Aufklärung>]. (Kant, 1985, p. 100)

Com a definição básica do que seria o esclarecimento para Kant, podemos retomar a questão do sujeito a partir daí, considerando que o homem esclarecido ou em busca de esclarecimento, narrado por Kant, é o sujeito moderno. A crítica principal de Kant dirige-se à comodidade em ser “menor”, pois existe sempre um tutor ao seu lado, um médico para fazer sua dieta, um professor para te guiar nos estudos, o que não te faz pensar por si mesmo.

Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. Imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela. Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. Basta um exemplo deste tipo para tornar tímido o indivíduo e atemorizá-lo em geral para não fazer outras tentativas no futuro. (Kant, 1985, p.102)

Kant deixa bem claro a importância do esclarecimento para o sujeito e o que esse traz de principal, uma autonomia. É importante pensar que a razão iluminista, traz o homem a agir por si só. O que nos leva a Foucault, e suas críticas em relação ao texto de Kant:

Texto menor, talvez. Mas me parece que, com ele, entra discretamente na história do pensamento uma questão que a filosofia moderna não foi capaz de responder, mas da qual ela nunca conseguiu se desembaraçar. E há dois séculos, de formas diversas, ela a repete. De Hegel a Horkheimer ou a Habermas, passando por Nietzsche ou Max Weber, não existe quase nenhuma filosofia que, direta ou indiretamente, não tenha sido confrontada com essa

mesma questão: qual é então esse acontecimento que se chama a *Aufklärung* e que determinou, pelo menos em parte, o que somos, pensamos e fazemos hoje? Imaginemos que a *Berlinische Monatsschrift* ainda existe em nossos dias e que ela coloca para seus leitores a questão: “O que é a filosofia moderna?” Poderíamos talvez responder-lhe em eco: a filosofia moderna é a que tenta responder à questão lançada, há dois séculos, com tanta imprudência: *Was ist Aufklärung?* (Foucault, 2000, p. 335)

Foucault estabelece, como ponto principal de sua análise, a filosofia moderna, compreendida em sua essência. Essa filosofia, foi objeto de debate por pensadores, como o próprio Foucault. Nesse sentido, Foucault busca problematizar a questão do que seria a filosofia moderna retomando a questão que Kant tentou responder, sobre *o que é o esclarecimento*. Essa ideia do esclarecimento, entendida por uma distinção entre maioridade e menoridade do ser, expressa de modo característico uma essência moderna e iluminista, do homem acima de tudo, da razão acima de tudo.

Foucault destaca o problema de trazer o pensamento filosófico para refletir sobre o próprio pensamento presente. Ele destaca que Kant pode estar analisando o presente como uma transição para um mundo novo, considerando que o próprio Kant se pergunta em seu texto se ele acredita que as pessoas de seu tempo já estão esclarecidas, que ele acredita que ainda não, mas que estava vivendo o século do esclarecimento (1985, p.112):

Ora, a maneira pela qual Kant coloca a questão da *Aufklärung* é totalmente diferente: nem uma época do mundo à qual se pertence, nem um acontecimento do qual se percebe os sinais, nem a aurora de uma realização. Kant define a *Aufklärung* de uma maneira quase inteiramente negativa, como uma *Ausgang*, uma “saída”, uma “solução”. Em seus outros textos sobre a história, ocorre a Kant colocar questões sobre a origem ou definir a finalidade interior de um processo histórico. No texto sobre a *Aufklärung*, a questão se refere à pura atualidade. Ele não busca compreender o presente a partir de uma totalidade ou de uma realização futura. Ele busca uma diferença: qual a diferença que ele introduz hoje em relação a ontem? (Foucault, 2000, p. 337)

A análise de Foucault trata o esclarecimento como algo negativo considerando que não temos um parâmetro que permita considerar a falta dele, isto é, de uma circunstância de uma sociedade que ainda está presa na condição de menoridade, de como talvez seria no medievo.

Nesse sentido, o texto de Kant é bem expressivo de sua época. Para Foucault, a saída apresentada por Kant para o problema é bastante ambígua, por ser caracterizada como um processo com vias para seguir, mas também pode ser interpretada como uma obrigação. Para o autor, fica claro, desde o primeiro parágrafo, que o homem é o responsável por estar no estado de menoridade, e ele não poderá sair desse estado caso não conceba por si mesmo utilizar a faculdade do entendimento:

De uma maneira significativa, Kant diz que essa *Aufklärung* tem uma “divisa” (*Wahlspruch*): ora, a divisa é um traço distintivo através do qual alguém se faz reconhecer; é também uma palavra de ordem que damos a nós mesmos e que propomos aos outros. E qual é essa palavra de ordem? *Aude saper*, “tenha coragem, a audácia de saber”. Portanto, é preciso considerar que a *Aufklärung* é ao mesmo tempo um **processo** do qual os homens fazem parte coletivamente e um **ato** de coragem a realizar pessoalmente. Eles são simultaneamente elementos e agentes do mesmo processo. Podem ser seus atores à medida que fazem parte dele; e ele se produz à medida que os homens decidem ser seus atores voluntários. (Foucault, 2000, p. 338)

Para Foucault, o esclarecimento constitui-se como um ato voluntário que implica uma transição para reconhecer o uso de seu entendimento, processo que exige, em certa medida, coragem. Foucault conclui que esse esclarecimento tratado por Kant é um processo feito coletivamente pelos homens e que, de certa forma, também deve ser feito sozinho, considerando que o esclarecimento de cada ser é um ato individual, e que esse processo acaba por se produzir por outros seres humanos, de forma voluntária.

Foucault nos coloca para refletir sobre o que seria esse uso privado da razão, onde e como exercê-lo; para Kant o homem usa a razão dessa maneira quando é “uma peça de uma máquina”, que, para Foucault significaria, ter uma função para se exercer na sociedade. Desse modo, a razão não está sendo utilizada de maneira livre.

Em compensação, quando se raciocina apenas para fazer uso de sua razão, quando se raciocina como ser racional (e não como peça de uma máquina), quando se raciocina como membro da humanidade racional, então o uso da razão deve ser livre e público. A *Aufklärung* não é, portanto, somente o processo pelo qual os indivíduos procurariam garantir sua liberdade pessoal de pensamento. Há *Aufklärung* quando existe sobreposição do uso universal, do uso livre e do uso público da razão. (Foucault, 2000, p. 339-340)

Foucault traz uma crítica ousada do que seria o raciocinar, o uso da razão em seus dois tipos: o público e o privado. Considerando o raciocínio como algo da natureza humana, como em Descartes: “Penso, logo existo”, o que seria um uso público e livre da razão. Dessa maneira para Foucault, o uso da razão deve ser livre. A suposição dada por Foucault traz uma ideia de que além de uma crítica que Kant faz de sua época, de uma falta de esclarecimento entre o povo, como à própria filosofia kantiana, colocada a um tipo de filosofia da história. Outra análise tratada na citação é a relação deste texto de Kant, de uma forma mais íntima, que demonstra toda uma preocupação de sua epistemologia de uma forma que analisa o seu presente, como uma espécie de necessidade filosófica a partir da diferença do que está na história e o que era vivido no século XVIII, e, que para Foucault, isso demonstra uma atitude de modernidade.

A dúvida trazida por Foucault é: a modernidade constitui ou não a consequência do esclarecimento? Ou existe uma ruptura em relação aos princípios do século XVIII? Retornando novamente a Kant, Foucault inicia a resposta de sua dúvida se perguntando se não podemos nos referir à modernidade mais como uma atitude e menos como um período histórico. Essa atitude é representada, segundo Foucault, pela figura de Baudelaire:

É certamente isso que Baudelaire parece dizer quando ele define a modernidade como “o transitório, o fugidio, o contingente”. Mas, para ele, ser moderno não é reconhecer e aceitar esse movimento perpétuo; é, ao contrário, assumir uma determinada atitude em relação a esse movimento; e essa atitude voluntária, difícil, consiste em recuperar alguma coisa de eterno que não está além do instante presente, nem por trás dele, mas nele. A modernidade se distingue da moda que apenas segue o curso do tempo; é essa atitude que permite apreender o que há de “heroico” no momento presente. A modernidade não é um fato de sensibilidade frente ao presente fugidio; é uma vontade de “heroicizar” o presente. (Foucault, 2000, p. 342)

A crítica de Foucault, considerando o dito anteriormente, da modernidade como uma atitude, demarca bem essa frase final “heroicizar o presente”. A modernidade, particularmente o Iluminismo, esse tempo das luzes, traz essa era como uma era heroica que, sabemos, trouxe várias consequências para nosso presente, sendo positivas ou negativas, mas que parecia sempre buscar um tipo de revolução, um heroísmo diário, relacionado com o presente.

Não se esquecendo que o ponto central da discussão sobre esse esclarecimento é o sujeito, é importante entender que esse é a chave de toda essa questão que envolve o uso da razão, é o sujeito o ser racional que Kant critica que ainda falta sujeitos esclarecidos em sua época. Isso leva a entender outra pontuação da crítica de Foucault:

Gostaria, por um lado, de enfatizar o enraizamento na *Aufklärung* de um tipo de interrogação filosófica que problematiza simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo; gostaria de enfatizar, por outro lado, que o fio que pode nos atar dessa maneira à *Aufklärung* não é a fidelidade aos elementos de doutrina, mas, antes, a reativação permanente de uma atitude; ou seja, um *êthos* filosófico que seria possível caracterizar como crítica permanente de nosso ser histórico. É esse *êthos* que eu gostaria de caracterizar muito resumidamente. (Foucault, 2000, p. 345-346)

O esclarecimento está sendo classificado no contexto como um *êthos* filosófico, por definir uma questão filosófica, além de determinar um período muito definido, no caso, a modernidade. Foi classificado como um *êthos* filosófico a determinar um ser que vive na história, tratando de se esclarecer. Dessa forma determina uma filosofia claramente moderna em seus costumes e suas questões de época, no caso de uma filosofia iluminista, e presente na

história juntamente com o ser humano como ser histórico. Foucault faz uma análise deste *êthos* considerando seus pontos positivos e negativos. Para ele, o *êthos* de maneira negativa na questão de que a *Aufklärung* é um conjunto de acontecimentos políticos, econômicos, culturais e institucionais, o que determina o esclarecimento de uma maneira que atinge primeiramente uma classe privilegiada (2000, p. 346).

Partindo para o ponto positivo, desse *êthos*, Foucault destaca que Kant faz uma ontologia histórica que nós mesmos, que é uma análise da nossa constituição histórica do presente, o que traz novamente o sujeito na questão do esclarecimento, pois esse *êthos* analisa o que pensamos e fazemos. O ponto positivo deste *êthos* filosófico traz o que já foi apresentado anteriormente acima de algo universal, mas que vem de forma individual. Mesmo que esse *êthos* seja algo que foi trazido de uma forma universal, como uma espécie de esclarecimento geral, existe uma fronteira que deve ser percebida, as limitações econômicas e políticas, mas que, mesmo com as limitações, esse conjunto de costumes inteiramente moderno, de um século das luzes, possui sua contribuição em uma certa promoção do uso da razão (2000, p. 347).

Com os pontos positivos e negativos destacados por Foucault a respeito do esclarecimento, e que demonstram que o sujeito é o personagem principal do esclarecimento para Kant e da crítica de Foucault, esse fala de seus métodos utilizados em sua filosofia - a arqueologia e a genealogia, e que complementam nossa questão:

Essa atitude filosófica deve se traduzir em um trabalho de pesquisas diversas: estas têm sua coerência metodológica no estudo tanto arqueológico quanto genealógico de práticas enfocadas simultaneamente como tipo tecnológico de racionalidade e jogos estratégicos de liberdades; elas têm sua coerência teórica na definição das formas historicamente singulares nas quais têm sido problematizadas as generalidades de nossa relação com as coisas, com os outros e conosco. Elas têm sua coerência prática no cuidado dedicado em colocar a reflexão histórico-crítica à prova das práticas concretas. Não sei se é preciso dizer hoje que o trabalho crítico também implica a fé nas Luzes; ele sempre implica, penso, o trabalho sobre nossos limites, ou seja, um trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade. (Foucault, 2000, p. 351)

Além de abordar seus métodos, Foucault também fala de disciplina e liberdade na citação acima. A disciplina como algo tão presente em suas obras é algo que se vê muito com uma grande relação com um controle, em que para obter a disciplina existe alguém que te observa. Analisando dessa forma, a disciplina segue um caminho contrário ao conceito de liberdade, de ser livre, o que de certa maneira, analisando outros textos de Kant, como *Sobre a*

Pedagogia, percebe-se que para obter essa maioria requer-se uma certa disciplina e um certo processo, posto isso, a disciplina e a liberdade além de parecerem contrárias, trabalham juntas até um certo ponto, pois os propósitos dessas são diferentes.

Para entender a necessidade do esclarecimento no século XVIII, não se trata apenas de narrar o seu presente, como tratado por Kant segundo Foucault, mas analisar todo o processo. Os processos da razão são processos em que se trata de saberes, e que sempre envolvem poderes, assim como Kant citou no uso privado. Deve-se considerar que embora seu texto trate de uma atitude moderna, trabalhada por Foucault, o esclarecimento, o uso da razão é um processo que deve ser utilizado até os dias de hoje, uma ontologia histórica de nós mesmos.

O ponto principal a ser focado, para entender a importância do sujeito neste texto e a crítica a modernidade, é que a crítica foucaultiana, onde ele mesmo trata o esclarecimento como um problema político, diz respeito diretamente ao sujeito além de tudo, pois todos os processos do esclarecimento, tratados por Kant e criticados por Foucault, dizem respeito do sujeito perante a sociedade. O esclarecimento trata de um sujeito pronto para uma maioria, O esclarecimento trata de um sujeito ainda na condição de menor que necessita de se esclarecer, assujeitado por relações sociais, de gênero, classe, e que todas o influenciam. É interessante pensar que a modernidade já havia constituído o sujeito, como de certa forma, um “quebra cabeça social”. Seguindo logo a frente, Veiga-Neto, trabalha essa noção de sujeito abordada por Foucault:

Por estranho que possa parecer, é claro que uma análise sobre o sujeito pedagógico, por exemplo, não pode, em termos metodológicos, se apoiar e se centrar nisso que chamamos de sujeito pedagógico, já que proceder assim seria partir dele como se ele já estivesse desde sempre e naturalmente aí. É preciso, ao contrário, tomá-lo de fora. Dito de outra maneira, uma análise do sujeito, seja qual for a adjetivação que se atribua a esse sujeito - pedagógico, epistêmico, econômico-, não pode partir do próprio. É preciso, então, tentar cercá-lo e examinar as camadas que o envolvem e que o constituem. Tais camadas são as muitas práticas discursivas e não discursivas, os variados saberes, que, uma vez descritos e problematizados, poderão revelar quem é esse sujeito, como ele chegou a ser o que dizemos que ele é e como se engendrou historicamente tudo isso que dizemos dele. (Veiga-Neto, 2003, p. 113)

Analisar o sujeito dessa forma é bastante importante para entender o tema deste trabalho e entender as críticas do próximo capítulo. Um sujeito como um todo é um sujeito ontológico, carrega vários discursos e práticas em sua existência, o que também diz respeito a suas práticas pedagógicas, sendo por tanto constituído e, como afirma Veiga-Neto, estando desde já aí. Pensando no sujeito pedagógico, aquele que envolve discursos e práticas pedagógicos, ou seja,

dispositivos disciplinares, essas práticas podem ser explicadas como camadas que envolvem o sujeito, como as classes sociais, cores, religiões, como é trazido por Veiga-Neto em seu texto. Essas camadas que envolvem o sujeito contrastam com o sujeito ideal de Kant. O sujeito ideal para ele é um sujeito que foi passivo à pedagogia com a finalidade de ser emancipado, independente, pronto para a sociedade. Desenvolvido para a sociedade, aquele sujeito fica longe da sujeição em Rousseau até seus vinte cinco anos, e para Kant até obter seu esclarecimento, e assim, é perceptível que uma obra para tratar crianças de uma forma geral, de um ensino tradicional com muitos alunos, ou em Rousseau, que diz respeito a apenas uma pequena parcela, que teria acesso a esse preceptor, devido a não ser pensadas questões sociais e outros aspectos.

Além de Kant, outro autor citado por Veiga-Neto, que nos ajuda a construir um argumento em relação ao sujeito, é Piaget. Os dois autores tratam do sujeito de conhecimento. Tanto para Kant quanto para Piaget, o homem é dotado de uma natureza comum que consiste no nosso conhecimento. Para Kant, isso é relacionado com nossa faculdade do entendimento e a tábua das categorias, enquanto, para Piaget, é algo genético, relacionado com nossas fases de desenvolvimento, e que, dessas duas formas, somos sujeitos de conhecimento, dignos de educação e aprendizado. Para argumentar a respeito dos conceitos em comum entre Piaget e Kant, para Veiga-Neto, Kant e Piaget trazem do iluminismo uma forma de filosofia da consciência. Partindo disso, é possível entender o sujeito de Kant e Piaget dessa maneira, visto que esses dois autores utilizam do sujeito em suas filosofias como naturalmente aí, a partir de seus desenvolvimentos, o que para Veiga-Neto pode fazer parte de uma filosofia da consciência, de um sujeito que se envolve conscientemente, e que como já dito anteriormente, contrapõe-se ao sujeito descrito por Foucault. Considerando o sujeito de Piaget como construtivista, a partir de suas fases de desenvolvimento e da interdisciplinaridade da psicologia e da biologia, o que pode se aproximar mais da pedagogia de Rousseau, que destacava mais a biologia e as fases de desenvolvimento, o que demonstra o sujeito de uma forma mais epistemológica.

Em continuação dessa análise do sujeito feita por Veiga-Neto, como uma comparação de sujeitos descritos como modernos e a sujeição trazida por Foucault, outro autor que entrou na discussão, foi Marx:

É fácil ver que, tanto para a perspectiva marxista quanto para a piagetiana, cabe justamente à Educação o papel de colocar em movimento as contradições -sejam sociais, sejam epistemológicas- para superá-las, de modo que o sujeito progrida ao longo de estruturas

que ou já estavam aí ou que vão se engendrando progressivamente. (Veiga-Neto, 2003, p. 109-110)

A questão de uma estrutura está presente nesses três autores: Kant, Piaget e Marx; porém em condições diferentes, a perspectiva marxista faz que presenciemos no sujeito, contradições sociais, enquanto em Piaget e Kant são epistemológicas. Dessa forma é possível perceber que a crítica feita por Foucault, que não existe em Kant, pois ele busca uma educação ideal, já está presente em Marx, mas que mesmo reconhecendo Hegel, esse não faz uma filosofia da consciência, pois a consciência em sua filosofia, é vista como manipulada pela classe dominante, o que demonstra uma forma de assujeitamento, o que se aproxima do sujeito descrito em Foucault. O que há de comum numa proposta entre Kant e Piaget lado, percebemos as semelhanças de em ambas existir um momento correto para cada etapa, porém, em Kant, a partir de um preceptor com seus alunos, e para Piaget, que existem as fases da criança, e o professor deve sempre guiar e observar cada fase. Ambos por formações e propósitos diferentes, carregam essa atitude do homem de conhecimento, e cada um com sua proposta sobre como educar uma criança (Veiga-Neto, 2003, p. 109).

Em todos os casos mencionados, a educação coexiste com o sujeito, ela diz respeito ao *sujeito que está sempre aí*, em relação a valores, a capacidades já preexistentes, mas que, sem esse sujeito, que vive em uma sociedade, que conhece as coisas, não seria necessária uma educação. Um ponto bem importante tratado por Veiga-Neto é a presunção que esse *sujeito desde sempre esteja aí* seja um *sujeito desde sempre soberano*. O sujeito é o objeto das influências externas, como a política, o trabalho, cultura, influências educacionais, religiosas etc. Considerando esses pontos levantados por Veiga-Neto, ele complementa relatando que se você quer que o *sujeito desde sempre aí* possa se libertar desses pontos, e cumpra a dimensão humana, é preciso que esse sujeito seja educado, para atingir uma autoconsciência própria.

A noção de sujeito como *desde sempre aí* foi abandonada na primeira metade do século XX, ou seja, não muito antes da primeira obra de Foucault, de 1954. Foi ele quem trabalhou de uma forma mais dura, segundo Veiga-Neto, essa forma como o sujeito se instituiu, e as obras foucaultianas foram denominadas pelo próprio como: *os três modos de subjetivação que transformam os seres humanos em sujeitos* (2003, p.111).

O sujeito, nós como seres, somos o objeto de diversas filosofias, e no iluminismo de Kant, na psicologia da educação de Piaget, o sujeito é o centro desses e escrito, e esse é o centro dos métodos das críticas de Foucault:

Nesse sentido, essa crítica não é transcendental e não tem por finalidade tornar possível uma metafísica: ela é genealógica em sua finalidade e arqueológica em seu método Arqueológica - e não transcendental - no sentido de que ela não procurará depreender as estruturas universais de qualquer conhecimento ou de qualquer ação moral possível; mas tratar tanto os discursos que articulam o que pensamos, dizemos e fazemos como os acontecimentos históricos. E essa crítica será genealógica no sentido de que ela não deduzirá da forma do que somos o que para nós é impossível fazer ou conhecer; mas ela deduzirá da contingência que nos fez ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos. (Foucault, 2000, p. 347-348)

No contexto do texto “que são as luzes?” e sua crítica ao texto de Kant, em sua conclusão, ele deixa claro que é o sujeito que rodeia essa crítica. Falando de seus métodos, o arqueológico, o genealógico e ética, todos trabalham o sujeito. A Arqueologia do saber, primeiro eixo ou método foucaultiano, que investiga os saberes, suas práticas e discursos envolventes, como a psiquiatria, as ciências humanas e a medicina, a clínica, a loucura e a sexualidade; observando esses saberes é possível perceber que todos envolvem o sujeito. Da mesma forma, os dispositivos, conceito de Foucault que diz sobre as práticas que envolvem o poder, e pertencente do eixo foucaultiano em que a obra principal do autor para esse trabalho faz parte, que diz respeito a entender a seu funcionamento na sociedade e suas instituições, ou seja, os saberes, que envolvem os sujeitos. Por fim, o eixo da Ética, que envolve uma ética mais individual, trazida de um pensamento comum dos estoicos, que novamente, envolve o ser humano.

Pensando todos esses eixos do autor e o sujeito dos modernos que foi analisado nesse capítulo, o que pode perceber é que fazendo uma comparação do sujeito nas obras de Foucault com o sujeito nas obras iluministas, como em Kant, nós temos uma forma de inversão desse sujeito. No iluminismo, no qual teve-se uma quebra do teocentrismo para o antropocentrismo, no qual o ser humano passou a ser o centro de tudo no lugar de Deus como na era medieval, o que demonstra uma presença maior do sujeito nessa troca de quem está no centro de tudo. No modelo moderno, o sujeito era representado epistemologicamente, racionalmente, o termo “natureza humana” era bastante utilizado em obras de autores modernos, o que Foucault modificou, pois o sujeito *desde sempre aí*, que apenas estava na sociedade e o resto eram as

consequências, enquanto o sujeito para Foucault, está envolvido em instâncias, como religião, cor, trabalho, ou seja, o assujeitamento.

A subjetividade em Foucault, o subjetivo totalmente relacionado a esse sujeito assujeitado, tem sua forma na sociedade de acordo com o local, o discurso e o dispositivo ao qual está submetido. O dispositivo, conceito de Foucault que se faz presente no seu eixo da *Genealogia do poder*, trata de um conjunto de elementos de formas discursivas ou práticas, com a função de manter as relações de poder da sociedade, como leis, propostas políticas e no caso deste trabalho, propostas pedagógicas; o que novamente se distancia bastante do sujeito moderno. Esse pequeno trecho citado traz a questão já exposta desse “sujeito assujeitado”, e que, para analisar a obra foucaultiana não basta somente olhar as relações de poder, sem olhar a historicidade e a questão política envolvida na constituição desse sujeito. A *Genealogia do poder* é um eixo de Foucault, um certo período do autor em que seu objetivo de trabalho era buscar a gênese de onde o poder se institucionaliza na sociedade. Considerando o poder como uma manifestação de forças na sociedade, produtivo, não centralizado e relacional. Posto isso, durante o período de 1970 a 1976, Foucault dedicou seu trabalho em aulas e livros a entender a gênese do poder na sociedade, com as obras principais deste momento sendo: *Vigiar e punir* (1975) e *História da sexualidade, Volume I: Vontade de saber* (1976). Durante esse período, Foucault dedicou-se a entender e diagnosticar as relações de poder na sociedade, fazendo uma crítica da historiografia de forma que a história é elaborada como um discurso, para o entendimento das relações entre o saber e o poder, que envolvem o foco deste capítulo: o sujeito.

2 – A crítica do sujeito pedagógico:

2.1. Kant, a educação física e sujeito em educação vista como ideal:

Kant, com sua obra *Sobre a Pedagogia*, que é um texto organizado por seu aluno, no qual ele lecionava a disciplina de pedagogia. O texto mostra como seria uma educação ideal para o autor, pautada em três tipos de educação: a moral, a escolástica e a física; sendo a educação física o foco neste capítulo, como forma de construir o sujeito físico presente na crítica foucaultiana posterior. Para ele, esses três pilares educacionais são os passos ideais para uma emancipação do sujeito, ativo do uso de sua razão, e que não dependa de terceiros.

A educação física é introduzida no texto como um tipo de cuidado que existia em sua época apenas em bebês, com as babás e as amas de leite fazendo esse trabalho durante os primeiros passos da criança, mas que para Kant é algo essencial no desenvolvimento,

considerando que são brincadeiras que desenvolvem o natural do pupilo. Essa educação, pautada no natural da criança, de desenvolver suas capacidades físicas é algo que Kant se inspirou bastante em Rousseau, que, considerando *Emilio, ou da Educação* foi um livro bastante lido por Kant. Rousseau assim como Kant, fala do desenvolvimento das crianças desde os passos iniciais:

De onde vem esse costume insensato? De um costume desnaturado. Desde que as mães, desprezando seu primeiro dever, não quiseram mais amamentar seus filhos, foi preciso confiá-los a mulheres mercenárias, que, vendo-se assim mães de crianças estranhas por quem a natureza nada lhes dizia, só buscaram se poupar do sofrimento. Seria preciso vigiar incessantemente uma criança em liberdade, mas, estando bem atada, jogam-na em um canto sem se incomodarem com seus gritos. Contanto que não haja provas da negligência da ama de leite. (Rousseau, 2018, p. 19)

Ambos os textos, tratam de uma coisa em comum: do movimento da criança. Rousseau assim como Kant defende a movimentação da criança para o desenvolvimento, e defende uma liberdade para a movimentação que exige vigilância. A liberdade para Kant é pensada para essa emancipação já dita no capítulo anterior, do sujeito esclarecido, enquanto para Rousseau é uma liberdade inata, como nesse caso dos bebês presente na citação, que a criança precisa de liberdade para sua movimentação, mas por questões de perigos que envolvem o bebê, exige uma observação. Essa situação nos leva a pensar no que seria essa liberdade, se essa seria verdadeira, já que exige uma atenção de um terceiro. Kant concorda com esse ponto de Rousseau e vai além sobre embalar e acostumar crianças, comparando com outros animais e falando de natureza humana:

Muitos pais querem acostumar suas crianças a tudo. Mas isso não tem serventia. Pois a natureza humana em geral - em parte também a natureza dos sujeitos particulares não pode ser acostumada a tudo, e muitas crianças permanecem no estágio de aprendizado. Por exemplo, os pais querem que as crianças consigam dormir e se levantar a qualquer hora, ou que comam quando exigirem que elas o façam. Para suportá-lo, contudo, é necessário um modo de vida particular que fortaleça o corpo e, assim, repare o que aquilo corrompeu. Mas, na natureza, também encontramos alguma periodicidade. Os animais também têm um tempo determinado para dormir. O ser humano também deveria se acostumar a um tempo certo, para que o corpo não seja prejudicado em suas funções. (Kant, 2021, p.39)

Kant trabalha bastante a questão da natureza humana, de uma forma geral, universal, o que traduz sua educação como voltada para a natureza humana e suas capacidades. No trecho anterior, podemos perceber a questão da disciplina presente, na periodicidade de atividades, como dormir. Essas regras, horários para atividades determinam o que seria a disciplina, que

anteriormente já havia sido dito, sobre a educação física. Mas a educação física para Kant tem um aspecto não servil que é deixado claro pelo autor:

Quanto à formação do ânimo, que de certa maneira também pode ser efetivamente chamada de física, deve-se, acima de tudo, atentar para que a disciplina não seja servil. Antes, a criança deve sempre sentir sua liberdade, mas de modo que não obstrua a liberdade dos outros; daí ela precisar encontrar resistência. (Kant, 2021, p. 40)

A educação física para Kant deve ter a disciplina, ou seja, uma frequência, um hábito, para que assim a criança desenvolva suas habilidades. É importante pontuar novamente a palavra Liberdade, mais uma vez presente nos textos de Kant. A criança deve entender sua liberdade durante as atividades físicas, durante esse processo do desenvolvimento do ânimo, e o preceptor deve sempre estar atento, de que a liberdade do pupilo não afete a dos outros, o que se pode perceber a relação da disciplina e liberdade, a criança deve manter uma disciplina nas atividades, mas não deve perder a sensação de ser livre. Essa liberdade é bem importante na pedagogia Kantiana, como forma de entender que a liberdade presente na educação moral, na qual não existe mais o preceptor e está cada vez mais próxima de sua emancipação, pois a pedagogia de Kant visa como ideal esse ser humano, pronto para o mundo.

Com a educação física feita de forma correta, com a disciplina e liberdade mantendo sua relação da forma de Kant considera o ideal para o pupilo, a educação moral surge no momento de finalizar sua pedagogia. Diferente da educação física que necessita de um preceptor, a educação moral não necessita, pois o pupilo para iniciar essa fase, necessita de estar na idade da razão, como pode-se ver aqui:

b) ou moral. Ela se baseia então não em disciplina, mas em máximas. Tudo está perdido caso se pretenda fundá-la em exemplo, ameaças, punições etc. Nesse caso, ela seria apenas disciplina. Deve-se cuidar para que a pupilo aja de bom modo segundo máximas próprias, não por costume, que ele não age nas faça o bem, mas que o faça porque isso é bom. Pois todo o valor moral das ações consiste nas máximas do bem. A educação física se distingue da educação moral no fato de a primeira ser passiva para o pupilo, ao passo que esta é ativa. Ele tem de compreender, sempre, que a ação tem fundamento e origem nos conceitos do dever. (Kant, 2021, p. 55-56)

Agora o contexto saiu da disciplina, tão importante na educação física, pois a educação moral diz sobre máximas relacionadas ao ânimo. Nesse contexto, como dito anteriormente, não existe mais o preceptor, mas para chegar nessa educação deve exigir um treinamento, que é iniciado na educação física. A educação física, que diz do desenvolvimento do pupilo fisicamente, do seu natural, que caminha com sua liberdade em relacionamento direto com a

disciplina, tudo isso treina a criança para que desenvolva suas máximas. A partir desse desenvolvimento que está em conjunto com a educação física, em um certo momento o sujeito está pronto para a educação moral, que é uma educação ativa, com a função de entender o que é o dever.

A educação moral deixa bem claro o sujeito na pedagogia kantiana porque ela desenvolve práticas que envolvem esse sujeito, e essas práticas na visão de Kant são as ideais para criar o cidadão pronto para a sociedade, e por essa razão é deixado claro o porquê não deve existir punições para o pupilo e sua consequência. Essa educação por não existir mais o preceptor junto ao pupilo, é uma educação ativa, ou seja, diferente da educação física, que funciona de forma passiva, através da disciplina em relação à liberdade, na educação moral o pupilo está em seu último passo para chegar à emancipação total, e essa educação é ativa e afeta diretamente as máximas do pupilo. Considerando dessa forma, uma espécie de finalização da formação do pupilo como um sujeito emancipado, esclarecido, pronto para sua maioridade.

Kant faz uma forma de manual de como trabalhar com a criança para seu desenvolvimento, de forma que é possível vincular seu texto novamente a “*Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento?*”, considerando que o pupilo, ao fim de seus estudos com o preceptor, possa ser esclarecido, foi desenvolvido nele todo um processo para que possa ser um sujeito esclarecido. É possível a partir desse ponto, seguir a crítica de Foucault do texto “O que são as luzes?”, de olhar o esclarecimento a partir dos aspectos políticos e econômicos que o envolvem. O pupilo de Kant é visto do ponto apenas epistemológico, do desenvolvimento de sua razão, que para Kant, na Pedagogia, se dá através dos três tipos de educação no qual ele desenvolve seus argumentos.

Kant desenvolve sua Pedagogia pautada em três tipos de educação e desenvolve principalmente a educação moral e a educação física pautando o quanto a educação moral é mais importante, o que surge dessa forma um tipo de hierarquia. A educação física, como uma educação mais desenvolvida nos anos iniciais, mas que colabora para chegar na educação moral, que possui um teor de importância maior, pois é ela que leva o pupilo totalmente a sua emancipação, ou a se tornar esclarecido; o que entende que toda sua Pedagogia leva uma palavra-chave ao seu redor: A LIBERDADE:

Para este esclarecimento [Aufklärung] porém nada mais se exige senão LIBERDADE. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões. (Kant, 1985, p. 104)

A liberdade é o que leva ao esclarecimento, é o que leva ao uso público e completo da razão. A educação vista como ideal para Kant tem esse princípio bem iluminista se comparado com outros filósofos do seu período, como Rousseau, e assim em como tantas áreas que a filosofia iluminista influenciou tantos saberes que estavam surgindo, e a Pedagogia é um deles.

Nesse momento podemos retomar o texto de Foucault “O que são as luzes?”, que traz uma crítica pertinente à toda essa trajetória desse sujeito passivo à educação que Kant construiu. O sujeito trazido por Kant é um sujeito envolvido na sua epistemologia, envolvido no sistema kantiano, em suas faculdades, e outros aspectos que foram falados no capítulo anterior não estão envolvidos em seu texto. Dessa forma, Foucault como um autor conhecido pelos seus textos falando das relações de poder, em sua crítica ao texto “Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento?”, em que Foucault destaca sobre a relação de poder e as capacidades (Foucault, 2000, p.349).

O crescimento das capacidades que Foucault diz, relacionado diretamente com as epistemologias iluministas, especialmente de Kant, considerando que a crítica é direta ao seu texto. Para Foucault é nítido que existia uma relação de poder, e até Kant percebe, considerando como ele descreve o uso privado da razão com trabalho para o governo. Para Foucault, é muito nítido que o Estado, a sociedade e as relações de poder estão todas vinculadas a um sistema epistemológico, pois ambos dizem respeito ao sujeito.

Não é possível desvincular as capacidades das relações de poder e o sujeito é a chave tudo isso. O poder envolve todas as relações de poder e de saber, as capacidades envolvem o saber, dessa forma pode-se considerar que Kant visou em seus textos o ideal de uma forma que a parte política frisada por Foucault foi descartada. A disciplina e o poder estão envolvidos no texto de Kant, mas de uma forma um pouco sonhadora, pois por essa falta de vínculo entre o poder e as capacidades, a disciplina para ele não demonstra o teor negativo que acaba por se acontecer depois da revolução Francesa, e que é presente nos textos de Foucault.

Como uma finalização desse tópico, Kant visando como ele acreditava que a criança chegaria nas máximas, se desenvolveria, criou essa pedagogia para ministrar em suas aulas. O foco de Kant era o desenvolvimento do sujeito, o que voltamos para o “desde sempre aí” que foi abordado no capítulo anterior. O século de Kant foi voltado para pensar em ciência, em

epistemologias, em esclarecimento, a disciplina na educação física fazia sentido para colaborar com a educação moral e a emancipação do pupilo, Kant não esperava que em quase dois séculos depois, a educação se tornaria assim:

Vimos como os processos da repartição disciplinar tinham seu lugar entre as técnicas contemporâneas de classificação e de enquadramento, e como eles al introduziam o problema específico dos indivíduos e da multiplicidade. Do mesmo modo, os controles disciplinares da atividade encontram lugar em todas as pesquisas, teóricas ou práticas, sobre a máquina natural dos corpos; mas elas começaram a descobrir nisso processos específicos; o comportamento e suas exigências orgânicas vão pouco a pouco substituir a simples física do movimento. O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e “celular”, mas também natural e “orgânica”. (Foucault 2014, p. 153)

É perceptível a diferença do Kant diz ser adequado para a educação e o que visto nesse trecho de Foucault, O contexto da revolução industrial que trouxe uma nova forma de capitalismo que padronizou vários saberes, como Foucault descreve em seu livro *Vigiar e Punir*. A educação se instaurou em um modelo disciplinar que vigiava a todo momento os alunos, os organizavam em filas, existia momento para cada passo, ato nas salas de aula, o corpo tinha sua função limitada, ele era usado em momentos corretos, o que vai em contrapartida do que Kant considera essencial: a liberdade, pois mesmo que existia uma disciplina em seu texto, a liberdade era o ponto central de sua pedagogia.

Visto esse contraste do ideal de uma educação iluminista com o que acabou se tornando a educação com um objetivo de produção, a crítica anterior de Foucault feita em “O que são as luzes?” pode ser retomada como uma forma de entender que não é possível desvincular as capacidades das relações de poder, pois essas relações se fazem presente em toda a sociedade e o envolvem, e elas constituem o sujeito, sua sujeição.

2.2. O sujeito em Foucault e o poder (ou o corpo do sujeito):

Depois de tratar da educação física em Kant como uma preparação para a educação moral, foi entendido que o corpo era importante no desenvolvimento do pupilo, com princípio de que exista uma disciplina nessa educação física e como princípio de que o pupilo tenha liberdade. O corpo na era contemporânea passou a ter um valor um tanto quanto diferente, pois passou a ser um produto. Falando de Foucault nesse capítulo, trabalharemos a parte III do livro *“Vigiar e Punir”*, denominado *“A disciplina”*, com algumas partes do capítulo I da parte I do texto,

chamado “*o corpo dos condenados*”. A fim de entender o contraste entre Kant e Foucault, de como Kant entende o corpo como “naturalmente aí”, como algo que faz parte do ser humano e pode colaborar com sua emancipação, enquanto o corpo descrito por Foucault é um corpo docilizado, criado para o trabalho, com uma função servil.

Analizando também o contexto histórico, entre o texto de Kant e o de Foucault, um grande fenômeno aconteceu na sociedade: a revolução industrial. Com o capitalismo implantado, as pessoas passaram a ser vistas como mercadoria, e seus corpos também a produzir, existe toda uma economia envolvendo o corpo:

Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. (Foucault, 2014, p.30)

A microfísica do poder, é uma forma de poder que se expande em toda a sociedade, a partir de formas micro, de pequenas manobras ou disposições, até uma grande expansão. Na capa do livro *Microfísica do poder*, pode-se ver uma imagem de teia na sua capa, que demonstra essa forma de expansão. A microfísica é uma forma como o poder age, que cria teias na sociedade, e acaba por criar dispositivos disciplinares, e saberes, como a educação física, como um campo de saber disciplinar, que gera essa relação do saber e do poder. Foucault explica sua microfísica no capítulo I de seu *Vigiar e Punir*, ainda na parte I, sobre *O corpo dos condenados*. Foucault estava trabalhando a questão dos suplícios, da relação entre o espetáculo e o corpo, o que trabalha essa microfísica, em cada parte minuciosa desses corpos.

Ainda não existia a revolução francesa que foi um contexto importante para marcar essa pedagogia ideal de Kant com o excesso de disciplina narrado por Foucault, mas que é importante entender que coisas comuns dos suplícios, como a importância do corpo, no contexto pós-revolução francesa, que com o aumento industrial, se tornou um produto, e a microfísica do poder estava presente.

Mas partindo para a parte III: Disciplina, um corpo modelo passou a existir:

Segunda metade do século XVIII: o soldado se tornou algo que se fabrica: de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa: corrigiram-se aos poucos as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, assenhoreia-se dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado”. (Foucault, 2014, 133)

Como é perceptível na citação, o corpo do soldado se tornou uma máquina, existe todo um manual da postura desta sentinela. Como dito no fim, “expulso o camponês”, uma alusão do fim do feudalismo ao capitalismo, o antigo camponês se tornou o soldado, a sentinela com seu corpo docilizado, preparado para seu objetivo. Existe uma microfísica envolvendo tudo isso, os mínimos detalhes dos gestos desse recruta, dessa microfísica, que envolve todo um poder sobre seu corpo, criando uma forma de modelo disciplinar para outros saberes, como também criação de novos dispositivos disciplinares.

Foucault já trata dos dispositivos disciplinares existentes na contemporaneidade, mas que foi importante retomar ao que é a microfísica, considerando que a fisionomia do soldado, o cuidado com seu corpo são questões de uma microfísica do poder, pois são detalhes minuciosos do corpo deste profissional, que ajudam a criar dispositivos disciplinares e relações de saber e poder.

Retomando o conceito de dispositivo, que trata de práticas discursivas e não discursivas que envolvem o poder, esses dispositivos que envolvem o poder, podem envolver a disciplina, o que faz de um dispositivo disciplinar, um dispositivo de poder. Dessa forma, assim como no caso do soldado, que existe uma relação entre saber e poder que envolve vários dispositivos disciplinares, nos exércitos, nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, e nos presídios.

O corpo passou a ser visto como algo que se modela, manipula, treina obedece e responde, pois o corpo se tornou um objeto da disciplina. O grande livro do homem-máquina foi escrito de forma simultânea em dois registros: o primeiro, um registro anátomo-metafísico, iniciado por Descartes, e médicos e filósofos continuaram, e o segundo um técnico-político, constituído por alguns regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo.

Vários esquemas de docilidade passaram a existir no século XVIII, através da imposição de limitações, proibições e obrigações. No exército, como citado no começo do texto, existe essa docilidade, através da rigidez dos exercícios, das regras, ou seja, da disciplina como um todo. Essa docilidade traz uma relação com a utilidade, o corpo se torna dócil, fácil de manipular da forma que se necessita, o soldado sabe seu movimento para reverência, para atirar, tudo sincronizado, no momento da marcha; o aluno sabe que deve levantar a mão para falar, e toda essa docilidade, esse movimento, traz uma utilidade. Segundo Foucault, toda essa docilidade

traz uma “anatomia política” e uma “mecânica do poder”, é gerada toda uma relação de poder em relação ao corpo, e tudo através da disciplina, o que acaba por criar o homem do humanismo moderno.

Percebemos como isso destoa do que Kant fala da disciplina, como dito no tópico anterior do sujeito em Kant. A disciplina em Kant tem apenas função de colaborar para que a educação física tenha seu efeito e que o pupilo consiga chegar na educação moral. A disciplina, mesmo possuindo esse teor de um rigor, para Kant é claro que a liberdade deve estar presente, o que vai em contramão com essa disciplina tratada nesse momento. A disciplina em Kant era vista de uma forma mais simples, enquanto em Foucault, ela possui uma estrutura de funcionamento mais rígida, o que deixa mais claro a questão central do assujeitamento.

Mas é importante destacar que essa estrutura disciplinar se tornou uma padronização, foi criado um modelo disciplinar, a ser aplicado em escolas, e outras instituições que envolvem relações de poder. Filas criadas para disciplina, modelos de horários, envolvem o poder em relação uma ordem de saber, no caso da escola, a pedagogia:

Colégios, o modelo do convento se impõe pouco a pouco; o internato aparece como o regime de educação senão o mais frequente, pelo menos o mais perfeito; torna-se obrigatório em Louis-le-Grand quando, depois da partida dos jesuítas, fez-se um colégio-modelo. (Foucault, 2014, p. 139)

Como exposto na citação, modelos de colégios foram criados, com regimes de educação como internato, sendo o mais frequente. Esse exemplar de colégio internato, foi imposto no grande Liceu Louis-Le-Grand, um colégio da cidade de Paris, que era visto como um colégio-modelo. Importante verificar o contexto da saída dos jesuítas, uma quebra dessa educação com um berço “escolástico”, no qual o saber da pedagogia se emancipou de uma certa forma das religiões, o que demonstra essa mudança das relações de poder que constroem esse saber. Retomando novamente Kant, como nível de comparação do que para ele era visto como ideal e a educação e a disciplina seguiram caminhos contrários, para ele o modelo escolástico deveria ser superado, ele concorda que colaborava na questão moral, mas que uma educação a partir das máximas desenvolvida sem um preceptor, dessa forma, o modelo escolástico com essa função moral já estava superado em Kant, dessa forma é perceptível que modelos envolvendo religiões tomaram lugar para modelos disciplinares mais rigorosos.

Retomando o ponto central de Foucault, de existir uma fórmula pronta para a disciplina, nela foi criada toda uma arte dessa distribuição, com a criação de vários dispositivos disciplinares, que envolvem toda essa bolha:

A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas.

1) A disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve grande o "encarceramento" dos vagabundos e dos miseráveis; outros mais discretos, mas insidiosos e eficientes. (Foucault, 2014, p. 139)

Considerando uma conceituação mais atual de vigilância, uma ambientação e arquitetura própria colabora para que ela ocorra com sucesso. No final da citação, Foucault cita os “miseráveis e vagabundos” que iam para as prisões, a disciplina aparece nesse contexto como uma forma de concerto desses sujeitos, o que explica que a prisão foi criada como uma punição daquele que tenha uma falta moral, por ter cometido um crime. É possível retornar ao Kant nesse momento, que acreditava que a educação física era necessária para uma educação moral, e usando o contexto tratado por Foucault de um modelo disciplinar, que o corpo se torna algo disciplinar, podemos considerar que essa finalidade ainda existia, como uma forma de domesticação do homem selvagem.

Importante tratar também da arquitetura em relação aos aparelhos disciplinares, como as escolas, pois existe um modelo básico para que funcione essa fórmula disciplinar, e que é um ponto tratado por Foucault:

A regra das localizações funcionais vai pouco a pouco, nas instituições disciplinares, codificar um espaço que a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos. Lugares determinados se definem para satisfazer não só à necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil. (Foucault, 2014, p. 141)

Para uma disciplina perfeita existe todo um conjunto de mecanismos que a constituem, que a transformam em um ambiente disciplinar. Como dito na citação, com um espaço útil, propício para essa disciplina, a vigilância acaba por não ser tão necessária, pois o ambiente como um todo, se torna propício para uma boa produção; nas fábricas, hospitais, exércitos, prisões e escolas. O ambiente arquitetado para uma disciplina é um ambiente que trabalha com os corpos, com o corpo sendo dócil para a produção, e que constitui uma relação de poder. A organização dos ambientes disciplinares constitui essa relação do saber com o poder, de cada área, e na educação.

Voltando novamente ao Kant, novamente é percebido a relação entre a educação física e a educação moral. A organização de pessoas em fileiras, o corpo e os gestos sendo controlados a todo momento, sempre está ligada em perder sua “natureza selvagem”, uma forma de o homem bom como disciplinado. Foucault cita em seu texto o pedagogo Jean Batiste La Sale, que viveu em um período próximo ao de Kant. La Sale imaginava uma sala com espaço suficiente para a classificação dos alunos em diversas categorias: emocional, intelectual, poder aquisitivo etc. A sala dessa forma criaria um grande quadro único a partir da observação do professor. (Foucault, 2014, p. 144) Mesmo que de tempos próximos, a diferença dessa sala de aula ideal com a de Kant é bem evidente, pois em La Sale existe uma sujeição avaliada e uma relação de poder bem definida. Em Kant essa relação de poder entre o pupilo e o preceptor existe, mesmo que seu foco seja a liberdade do pupilo, ele e La Sale compartilham do acreditam ser ideal, porém em La Sale é perceptível que essa classificação acabou acontecendo em alguns lugares, mas em ambos os autores existe uma distribuição disciplinar, e é algo que foi mantido depois da revolução francesa.

Para entender um pouco melhor esse ponto, é interessante falar das prisões, que no processo disciplinar existe o quadro de distribuições, dos trabalhos feitos pelos detentos:

As disciplinas, organizando as "celas", os lugares e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois se projetam sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de "quadros vivos" que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (Foucault, 2014, p. 145).

Essa organização das celas era toda trabalhada na função da economia do detento em questão de tempos e gestos em prol de uma disciplina maior, como visto no fim da citação, a finalização da forma de distribuição transformava pessoas consideradas cruéis em pessoas domadas, docilizadas. No olhar da função de uma prisão, que tem como objetivo que aquele criminoso pague pelos seus erros e não o cometa mais, é nítido o objetivo criado para a disciplina, mas como pensar isso na educação?

Na educação, a disciplina tem como missão moralizar, educar jovens que não se tornem rebeldes, que não acabem em caminhos errados, o que faz pensar: a prisão e a escola possuem

modelos disciplinares focados em uma docilização como uma forma de que se o detento se tornou imoral, a razão pode ser uma falta de uma educação disciplinar? Mas e as fábricas? Os hospitais? Esse modelo padronizado por diversas instituições visava o corpo como a principal ferramenta de trabalho, e existia uma hierarquia nessa relação, assim como o professor comanda o corpo da criança, os momentos de se sentar, ficar em pé e fazer cada atividade, é uma forma de hierarquia desse sujeito, que foi criada pelas relações de poder. Essas distribuições envolvidas nas prisões, como em outras instituições, implicam dois constituintes para Foucault: distribuição e análise, controle e inteligibilidade (p.145). Esses constituintes envolvem saberes, o que demonstra novamente uma relação entre o saber e o poder. Esses saberes acabam por determinar através do poder, um controle das atividades, e que novamente, o corpo é posto em questão:

3. Donde o corpo e a gesto postos em correlação: o controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos: impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e de rapidez. No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem-disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador. (Foucault, 2014, p.149)

Como pode ser percebido, existe todo um porquê de cada gesto dentro da questão disciplinar, na atitude, na eficácia e no tempo, pois acaba por existir um tipo de economia reguladora. Cada gesto é criado milimetricamente para sua função na disciplina e na sua relação com o corpo do sujeito docilizado. No caso do exército, essa economia do corpo demonstra uma eficiência de seus gestos e funções, na prisão demonstra o castigo, o corpo do condenado deve ser docilizado como forma de tirar sua rebeldia, nas fábricas e hospitais, também demonstram eficiência em seus trabalhos, e na educação, a forma de educar uma criança de forma que ela cresça regrada, docilizada e produtiva. Como Foucault mesmo diz: “Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente.”, os gestos são minuciosamente contados com a eficiência.

O corpo é um aspecto muito importante no processo da disciplina, pois esse corpo do sujeito é o objeto “cobaia” do processo do poder:

Constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina. Estamos inteiramente longe daquelas formas de sujeição que só pediam ao corpo sinais ou produtos, formas de expressão ou o resultado de um trabalho. A regulamentação imposta pelo poder é ao mesmo tempo a lei de construção da operação. (Foucault, 2014, p. 151)

Esse modelo de corpo feito para construir uma excelente sentinela, uma criança disciplinar que sabe o momento correto de falar, pedir para ir ao banheiro, o prisioneiro que possui seus momentos corretos na prisão; todos esses casos vieram até nós após a revolução burguesa. Dessa forma, mesmo que o sujeito trabalhado por Kant, o pupilo em um processo de chegar a uma maioridade aos dezesseis anos, e utilizar sua razão de uma forma pública. Embora exista uma relação de poder entre o preceptor e o pupilo, não é algo colocado por Kant, são diagnósticos de uma educação analisada pelos olhos de Foucault, que observou e criticou essas relações na sociedade.

A crítica de Foucault fica clara ao perceber que ele traz a mecânica exata do caminho que a disciplina traça na sociedade em conjunto com a relação de saber e poder. A mecânica do poder transformou que a disciplina cria o corpo do sujeito como um produto, que economize tempo e traga agilidade, trazendo de volta para a educação essa passou a criar crianças que fossem eficientes, disciplinadas, passou a se tornar um objetivo, que pode ser percebido até os dias atuais.

Considerando essas questões tratadas, de uma sociedade moldada através da disciplina. Todos esses aspectos, de uma sociedade com uma arquitetura própria para disciplinar o sujeito, docilizar seus corpos; o capitalismo, sua posição na hierarquia do poder, o saber que o envolve, são formas de sujeição que abrangem o sujeito na sociedade, o assujeita e o cria dentro dela estrutura social.

O sujeito é o ponto central da educação, como um ser que necessita dessa para se desenvolver, e é assujeitado a uma disciplina que envolve a docilização de seus corpos, que envolve uma educação que prega liberdade, como trabalhadas em obras como de Kant e Rousseau, mas que essa liberdade necessita que exista uma vigilância. A base da educação atual ainda vive por uma parte em arquiteturas como trabalhadas na obra de Foucault, com grades, o pátio da hora do intervalo, a diretoria sempre ao centro como forma de controle, o que nos traz a uma frase bastante central de Foucault: “Devemos ainda nos admirar a prisão se pareça com as fabricas, com as escolas, com os quartéis, com hospitals, todos se pareçam com as prisões?” (Foucault, 2014, p. 219)

Isso acontece por a disciplina ter essa finalidade de produção, e o corpo é esse produto, o corpo do enfermeiro, do detento e do aluno. Esse corpo exige que seja treinado, criado para sua finalidade, o que é descrito por Foucault:

3. Essa combinação cuidadosamente medida das forças exige um sistema preciso de comando. Toda a atividade do indivíduo disciplinar deve ser repartida e sustentada por injunções cuja eficiência repousa na brevidade e na clareza; a ordem não tem que ser explicada, nem mesmo formulada: é necessário e suficiente que provoque o comportamento desejado. Do mestre de disciplina àquele que lhe é sujeito, a relação é de sinalização: o que importa não é compreender a injunção, mas perceber o sinal, reagir logo a ele, de acordo com um código mais ou menos artificial estabelecido previamente. (Foucault, 2014, p. 163)

Essa citação retorna novamente o ponto central desse texto, que é o sujeito. A sujeição tão falada é o ponto central de toda a problemática que constrói a crítica foucaultiana. Toda a disciplina criada para esse assujeitamento do sujeito, é ele que está em jogo em todas as instituições disciplinares. A disciplina construiu todo um processo envolvendo sinais, gestos, discursos dentro de diversos poderes, o que cria várias relações de poder, e demonstra o que está em jogo.

A genealogia do poder, o eixo foucaultiano em que se encaixa a obra *Vigiar e Punir*, traz o caminho traçado pelo poder na sociedade, a partir de diversas instituições e saberes, como as ciências humanas. As ciências humanas são citadas no capítulo I: O corpo dos condenados, que é falado:

Em princípio de tratar a história do direito penal e a das ciências humanas como duas séries separadas cujo encontro teria sobre uma ou outra, ou sobre as duas talvez, um efeito, digamos, perturbador ou útil, verificar se não há uma matriz comum e se as duas não se originam de um processo de formação epistemológico-jurídico"; em resumo, colocar a tecnologia do poder no princípio tanto da humanização da penalidade quanto do conhecimento do homem. (Foucault, 2014, p. 27)

As ciências humanas possuem uma ligação direta com as relações de poder por se tratar de ciências relacionadas ao homem. Na citação é perceptível que para Foucault trabalhar tanto do processo penal quanto das ciências humanas percebeu que elas se encontravam em alguns momentos, pois ambas criavam um sujeito epistemológico-jurídico. Esse sujeito é o sujeito envolvido na questão jurídica e na questão epistemológica é um sujeito que está presente nas relações de poder. As ciências humanas envolvem essas relações de saber e poder do sujeito, elas estão presentes nesse processo de sujeição, pois o homem é o objeto de estudo dessas ciências. Como elas estão presentes na relação do saber e do poder, também estão presentes na genealogia, que busca entender a gênese dessas relações.

Esse método genealógico nos permite compreender que a sociedade não se constituiu como disciplinar e controlada de forma imediata. Existiu uma trajetória do poder, desde o

período dos suplícios, no qual percebemos a existência de uma microfísica, que ainda é presente para o funcionamento de dispositivos disciplinares.

A pedagogia como um saber consequentemente tem essa relação com o poder. Uma ciência moderna que tantos autores criaram seu ponto de como ela seria ideal. Uma ciência humana que começou seu trabalho para se tornou como é hoje no período iluminista, que carrega esse aspecto de moderna, epistemológica. A pedagogia ideal pode não existir, mas ela sempre estará associada com as relações de poder, pois como uma ciência humana, ou seja, que estuda o sujeito, as relações de poder sempre devem ser consideradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto isso, pode-se considerar que a crítica trazida por meio deste trabalho busca compreender a importância do sujeito no contexto da educação. Essa que em seu saber principal, a pedagogia, apresenta várias abordagens do melhor caminho a traçar, é importante entender o percurso seguido pelo poder e das relações criadas por ele, para entender que esse diagnóstico de Foucault, escrito na década de 1970, ainda está presente na sociedade, na arquitetura de nossas escolas, no formato disciplinar. Criam-se adultos que sabem o momento correto de levantar a mão, de que existe uma hierarquia na sociedade, mas estamos longe de uma educação que forme jovens esclarecidos, como na filosofia de Kant, ela acaba se perdendo no caminho, mesmo que ainda seja a proposta.

A docilização do sujeito nas escolas traz assuntos bastante complexos que demonstram essa questão da sujeição, como todo o processo educacional.

Seguindo o caminho do trabalho, de abordar a modernidade, essa ideia de educação posta por Kant e Rousseau, que tem a ideia de liberdade bem presente em seus textos, ela é apresentada como um dos principais objetivos de suas direções para uma educação moral, que pudesse trazer o pupilo como um bom cidadão, esclarecido, mas como Kant mesmo disserta, a disciplina tem um papel importante, pois está ligada com a educação física, que para ele, colabora com a educação moral. A disciplina era exigida mesmo que a liberdade fosse um princípio, pois era necessário que o pupilo não esclarecido fosse vigiado.

A ideia de crítica da educação, de Foucault, identifica essa universalidade do formato disciplinar de diversos saberes, que não se iniciou de forma imediata e que traz raízes modernas. Nos faz pensar no quanto o poder moderno constitui o sujeito mesmo nas suas possíveis formas de emancipação. A ideia moderna de um esclarecimento, de uma educação que visava isso, não existe mais, pois o controle ocupou lugar central, mas os princípios de sua função, ainda estão aí. O que nos faz entender que a crítica de Foucault envolvendo a educação, na verdade, diz sobre como o sujeito está assujeitado por relações de poder.

O assujeitamento é algo presente na nossa sociedade desde sempre, todos nós somos “sujeitos assujeitados” vivo através de todas essas práticas discursivas e não discursivas, desses gestos que nos fazem assujeitados. Entender esse assujeitamento é importante para compreender que nós como sujeitos epistemológicos, passíveis à educação e ao conhecimento,

também somos passíveis através das relações de poder, que não podem ser desvinculadas das capacidades.

Os modernos ao criarem uma educação que eles acreditavam como ideal, não perceberam que existem camadas políticas que envolvem o sujeito além da epistemologia, o que foi visto por Foucault, que em um tempo diferente, e observando o percurso do poder através da história, sua crítica então foi feita.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramallete. 42ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. 2ª edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou da educação*. Tradução de Thomaz Kawauche. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

KANT, Immanuel. *Immanuel Kant: Textos Seletos, edição bilíngue*. Tradução de: Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. 2a edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

FOUCAULT, Michel. *O que são as Luzes? Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.